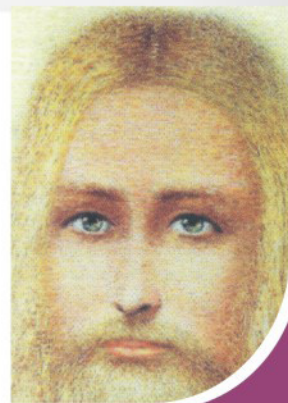


SÉRIE DE

PALESTRAS

SIMULTÂNEAS

Reunião Pública



BLOCO 1



Neste Bloco você encontra 25 palestras prontas para aplicar na Reunião Pública da sua Casa Espírita

Contém:
Textos doutrinários para o expositor
Planos de palestras
Transparências prontas para imprimir

Veja como baixar os banners de divulgação das palestras públicas



Semeando Luz

BLOCO 1

PALESTRAS



TEMA - REENCARNAÇÃO

- 1 - REENCARNAÇÃO E JUSTIÇA DIVINA
- 2 - O PROCESSO REENCARNATÓRIO
- 3 - REENCARNAÇÕES VITORIOSAS
- 4 - REENCARNAÇÕES DOLOROSAS
- 5 - A REENCARNAÇÃO E A CIÊNCIA
- 6 - ENCARNações NOS DIFERENTES MUNDOS

TEMA - VIDA EM FAMÍLIA

- 1 - VISÃO ESPÍRITA DO CASAMENTO
- 2 - MISSÃO DOS PAIS
- 3 - FILHOS NA VISÃO ESPÍRITA
- 4 - SEPARAÇÃO E DIVÓRCIO
- 5 - DOENÇAS E DESEQUILÍBRIOS NO LAR
- 6 - O IDOSO NA FAMÍLIA



TEMA - MORTE

- 1 - A MORTE EXISTE?
- 2 - MORRI, E AGORA?
- 3 - PROCESSO DESENCARNATÓRIO
- 4 - PERDA DE PESSOAS AMADAS
- 5 - MORTES PREMATURAS
- 6 - A VIDA FUTURA

TEMA - VÍCIOS E PROBLEMAS

- 1 - ALCOOLISMO
- 2 - DROGAS: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS
- 3 - DROGAS E JUVENTUDE
- 4 - FUMO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS
- 5 - ADULTÉRIO
- 6 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



TEMA - ABORTO



TEMA - REENCARNAÇÃO

REENCARNAÇÃO E JUSTIÇA DIVINA

REUNIÃO PÚBLICA
TEMA: REENCARNAÇÃO

PALESTRA 1 - REENCARNAÇÃO E JUSTIÇA DIVINA

Texto doutrinário

“Seus discípulos então o interrogaram desta forma: “Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias? – Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas: - mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem. – Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara.” (Mateus, 17:10-13).

O QUE É A REENCARNAÇÃO?

“A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.” (Allan Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, 93. ed., item 4).

“A reencarnação é a escada santa que todos os homens têm que subir. Constituem-lhe os degraus as fases das diversas existências nos mundos inferiores, depois nos mundos superiores, porquanto disse Deus ao seu enviado celeste, nosso e vosso Mestre, que, para chegar a ele, teria o homem que nascer, morrer e renascer até atingir os limites da perfeição. E nenhum lá chegará sem se purificar pela reencarnação. Homens, é em vão que debateis entre as possantes garras do progresso. Ele se opera todos os dias, lentamente, é certo, mas se opera. O Espiritismo, auxiliando a reencarnação, o atizará e lhe dará sublime impulso.” (J. B. Roustaing, *Os quatro evangelhos*, vol. 1, 8. ed., p. 338-339).

“Qual o fim objetivado com a reencarnação?

Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”. (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 167).

“É na vida corpórea que o Espírito repara o mal de anteriores existências, pondo em prática resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e vicissitudes mundanas que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser. Justas são elas, no entanto, como espólio do passado – herança que serve à nossa romagem para a perfectibilidade.” (Allan Kardec, *O céu e o inferno*, 53. ed., p. 99).

Início da reencarnação

“A reencarnação inicia-se com as primeiras manifestações de vida do embrião humano?

Desde o instante primeiro de tais manifestações, a entidade espiritual experimenta os efeitos da sua nova condição. Importa reconhecer, todavia, que o espírito mais lúcido, em contraposição com os mais obscurecidos e ignorantes, goza de quase inteira liberdade, até a consolidação total dos laços materiais

com o novo nascimento na esfera do mundo.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 31).

A concepção dos limbos

“É verdade que a Igreja admite uma posição especial em casos particulares.

As crianças falecidas em tenra idade, sem fazer mal algum, não podem ser condenadas ao fogo eterno. Mas, também, não tendo feito o bem, não lhes assiste direito à felicidade suprema. Ficam nos limbos, diz-nos a Igreja, nessa situação jamais definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança. Esta, sendo tal sorte irrevogavelmente fixada, fica-lhes defesa para sempre. Tal privação importa, assim, um suplício eterno e tanto mais imerecido, quanto é certo não ter dependido dessas almas que as coisas assim sucedessem. O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais. Certo, este não tem a responsabilidade e o mérito cabíveis ao que procede com conhecimento de causa. A simples lógica repele uma tal doutrina em nome da justiça de Deus, que se contém integralmente nestas palavras do Cristo: ‘A cada um, segundo as suas obras. Obras, sim, boas ou más, porém praticadas voluntária e livremente, únicas que comportam responsabilidade. Neste caso não podem estar a criança, o selvagem e tampouco aquele que não foi esclarecido.’ (Allan Kardec, *O céu e o inferno*, 53. ed., p. 44-45).

A concepção espírita

“Poderá ser tão adiantado quanto o de um adulto o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade?”

Algumas vezes o é muito mais, porquanto pode dar-se que muito mais já tenha vivido e adquirido maior soma de experiência, sobretudo se progrediu.

Pode então o Espírito de uma criança ser mais adiantado que o de seu pai?

Isso é muito freqüente. Não o vedes vós mesmos tão amiudadas vezes na Terra?

Não tendo podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence a alguma das categorias superiores?

Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de padecer. Se for um Espírito puro, não o é pelo fato de ter animado apenas uma criança, mas porque já progredira até à pureza.’

Por que tão freqüentemente a vida se interrompe na infância?

A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais.”(Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg.197; 198-199).

Reencarnação e fluido vital

“O ponto essencial, que precisamos ter sempre em vista, é que o perispírito se liga, no ato do nascimento, a todas as moléculas do corpo. É por meio do fluido vital, impregnado no gérmen, que a encarnação se pode realizar, sabendo nós que o Espírito só pode atuar sobre a matéria por intermédio da força vital. Dá-se, pois, íntima fusão entre o perispírito e o fluido vital, sendo este o motor determinante da evolução contida no trinômio - juventude, madureza, velhice. Já notamos, igualmente, que cada célula, participando da vida geral nos organismos complexos, goza, contudo, de tal ou qual autonomia; de sorte que, todo movimento nela produzido lhe altera o equilíbrio vital, e essa modificação dinâmica logo lhe percuta o duplo fluídico, determinando nele um movimento.

Temos, assim, que toda ação interna ou externa produz um movimento no invólucro perispiritual.” (Gabriel Delanne, *Evolução anímica*, 6. ed., p. 105).

A influência do perispírito do reencarnante nas células germinais

“Esfalfa-se a investigação científica na Terra, estudando o continuísmo biológico.

Núcleos de cromossomos e veículos citoplásmicos, fatores de ambiente e genealogias familiares são chamados pelos geneticistas à equação dos problemas da origem e é natural que de suas indagações surjam resultados notáveis, quais sejam aqueles que tangem aos caracteres morfológicos e as surpresas da adaptação.

O escalpelo da observação humana, porém, não consegue, por agora, ultrapassar o recinto externo da constituição orgânica, detendo-se no exame da conformação e da estatura, da pigmentação e do grupo

sanguíneo, alusivos à filiação corpórea, já que os meandros da hereditariedade psíquica são, por enquanto, quase que integralmente inacessíveis à sondagem da inteligência terrestre.

É que as células germinais, por sementes vivas, reproduzem os nossos clichês da consciência no trabalho impalpável da formação de um corpo novo.

Na câmara uterina, o reflexo dominante de nossa individualidade impressiona a chapa fetal ou o conjunto de princípios germinativos que nos forjam os alicerces do novo instrumento físico, selando-nos a destinação para as tarefas que somos chamados a executar no mundo, em certa quota de tempo.” (Emmanuel, *Pensamento e vida*, 13. ed., p. 54-55).

Sensação do Espírito ao reencarnar

“No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante à que experimenta ao desencarnar?”

Muito maior e sobretudo mais longa. Pela morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra para ela.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 339).

“É solene para o Espírito o instante da sua encarnação? Pratica ele esse ato considerando-o grande e importante?”

Procede como o viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a morte nas ondas que se decide a afrontar.

O viajante que embarca sabe a que perigo se lança, mas não sabe se naufragará. O mesmo se dá com o Espírito: conhece o gênero das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Assim como, para o Espírito, a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele. Sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá. Mas, como este com relação à morte, o Espírito só no instante supremo, quando chegou o momento predestinado, tem consciência de que vai reencarnar. Então, qual do homem em agonia, dele se apodera a perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproximação do momento de reencarnar, sente uma espécie de agonia.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 340).

“Quando chega a ocasião de reencarnar, o Espírito sente-se arrastado por uma força irresistível, por uma misteriosa afinidade, para o meio que lhe convém. É um momento terrível, de angústia, mais formidável que o da morte, pois esta não passa de libertação dos laços carnis, de uma entrada em vida mais livre, mais intensa, enquanto a reencarnação, pelo contrário, é a perda dessa vida de liberdade, e um apoucamento de si mesmo, a passagem dos claros espaços para a região obscura, a descida para um abismo de sangue, de lama, de miséria, onde o ser vai ficar sujeito a necessidades tirânicas e inumeráveis. Por isso é mais penoso, mais doloroso renascer que morrer; e o desgosto, o terror, o abatimento profundo do Espírito, ao entrar neste mundo tenebroso, são fáceis de conceber-se: é mais penoso, mais doloroso renascer do que morrer.” (Léon Denis, *Depois da morte*, 14. ed., p. 246) .

A DOCTRINA DA REENCARNAÇÃO

“Em que se funda o dogma da reencarnação?”

Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 171).

“Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois

que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a idéia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.”(Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 171).

JESUS E NICODEMOS

‘Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus - que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: ‘Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.’

Jesus lhe respondeu: ‘Em verdade, em verdade digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.’ Disse-lhe Nicodemos: ‘Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?’

Retorquiu-lhe Jesus: ‘Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. - O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. - Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. - O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.’

Respondeu-lhe Nicodemos: ‘Como pode isso fazer-se?’ - Jesus lhe observou: ‘Pois quê! És mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. - Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creeis, quando vos fale das coisas do céu?’ (S. João cap. III, vv. I a 12).

A LEI DE AÇÃO E REAÇÃO

“- Há dolorosas reencarnações que significam tremenda luta expiatória para as almas necrosadas no vício. Temos por exemplo, o mongolismo, a hidrocefalia, a paralisia, a cegueira, a epilepsia secundária, o idiotismo, o aleijão de nascença e muitos outros recursos, angustiosos embora, mas necessários, e que podem funcionar, em benefício da mente desequilibrada, desde o berço, em plena fase infantil. Na maioria das vezes, semelhantes processos de cura prodigalizam bons resultados pelas provações obrigatórias que oferecem...” (André Luiz, *Nos domínios da mediunidade*, 23. ed., p.139-140).

“Antes da reencarnação, no balanço das responsabilidades que lhe competem, a mente, acordada perante a Lei, não se vê apenas defrontada pelos resultados das próprias culpas. Reconhece, também, o imperativo de libertar-se dos compromissos assumidos com os sindicatos das trevas.

Para isso partilha estudos e planos referentes à estrutura do novo corpo físico que lhe servirá por degrau decisivo no reajuste, e coopera, quanto possível, para que seja ele talhado à feição de câmara corretiva, na qual se regenere e, ao mesmo tempo, se isole das sugestões infelizes, capazes de lhe arruinares os bons propósitos.

Patronos da guerra e da desordem, que esbulhavam a confiança do povo, escolhem o próprio encarceramento na idiotia, em que se façam despercebidos pelos antigos comparsas das orgias de sangue e loucura, por eles mesmos transformados em lobos inteligentes; tribunos ardilosos da opressão e caluniadores empeçonhados pela malícia pedem o martírio silencioso dos surdos-mudos, em que se desliguem, pouco a pouco, dos especuladores do crime, a cujo magnetismo degradante se rendiam, inconscientes; cantores e bailarinos de prol, imanizados a organizações corrompidas, suplicam empedros na garganta ou pernas cambaias, a fim de não mais caírem sob o fascínio dos empreiteiros da delinquência; espíões que teceram intrigas de morte e artistas que envileceram as energias do amor imploram olhos cegos e estreiteza de raciocínio, receosos de voltar ao convívio dos malfeitores que, um dia, elegeram por associados e irmãos de luta mais íntima; criaturas insensatas, que não vacilavam em fazer a infelicidade dos outros, solicitam nervos paráliticos ou troncos mutilados, que os afastem dos quadrilheiros da sombra, com os quais cultivavam rebeldia e ingratidão; e homens e mulheres, que se brutalizaram no vício, rogam a frustração genésica e, ainda, o suplício da epiderme deformada ou purulenta, que provoquem repugnância e conseqüente desinteresse dos vampiros, em cujos fluidos aviltados e vômitos repelentes se compraziam nos prazeres inferiores.

Se alguma enfermidade irreversível te assinala a veste física, não percas a paciência e aguarda o futuro. E se trazes alguém contigo, portando essa ou aquela inibição, ajuda esse alguém a aceitar semelhante

dificuldade como sendo a luz de uma bênção.

Para todos nós, que temos errado infinitamente, no caminho longo dos séculos, chega sempre um minuto em que suspiramos, ansiosos, pela mudança de vida, fatigados de nossas próprias obsessões.” (Emmanuel, *Justiça divina*, 10. ed., p.101-102).

“Surgem, aqui e ali, aqueles que negam o livre arbítrio, alegando que a pessoa no mundo é tão independente, quanto o pássaro no alçapão.

E, justificando a assertiva, mencionam a junção compulsória do espírito ao veículo carnal, os constrangimentos da parentela, as convenções sociais, as preocupações incessantes na preservação da energia corpórea, as imposições do trabalho e a obediência natural aos regulamentos constituídos para a garantia da ordem terrestre, esquecendo-se de que não há escola sem disciplina.

Certamente, todos os patrimônios da civilização foram erigidos pelas criaturas que usaram a própria liberdade na exaltação do bem, no entanto, para fixar as realidades do livre arbítrio, examinemos o reverso do quadro.

Refletamos, ainda que superficialmente, em nossos irmãos menos felizes, para recolher-lhes a dolorosa lição.

Pensemos no desencanto daqueles que amontoaram moedas, por longo tempo, acumulando o suor dos semelhantes, em louvor da própria avareza, e sentem a aproximação da morte, sem migalha de luz que lhes mitigue as aflições nas trevas...

Imaginemos o suplício dos que trocaram veneráveis encargos por fantasiosos enganos, a despertarem no crepúsculo da existência, qual se fossem arremessados, sem perceber à segura asfixiante de escabroso deserto...

Ponderemos a tortura dos que abusaram da inteligência, reconhecendo, à margem da sepultura, os deprimentes resultados do desprezo com que espezinharam a dignidade humana...

Consideremos o martírio dos que se renderam à delinqüência, hipnotizados pela falsa adoração a si mesmos, acordando abatidos e segregados no fundo das penitenciárias de sofrimento...

Ninguém pode negar que todos eles, imanzados ao cativo da angústia, eram livres... Conquanto os empeços do aprendizado na experiência física, eram livres para construir e educar, entender e servir.

Eis porque a Doutrina Espírita fulge, da atualidade, diante da mente humana, auxiliando-nos a descobrir os Estatutos Divinos, funcionando em nós próprios, no foro da consciência, a fim de aprendermos que a liberdade de fazer o que se quer está condicionada à liberdade de fazer o que se deve.

Estudemos os princípios da reencarnação, na lei de causa e efeito, à luz da justiça e da misericórdia de Deus e perceberemos que mesmo encarcerados agora em constringentes obrigações, estamos intimamente livres para aceitar com respeito e humildade as determinações da vida, edificando o espírito de trabalho e compreensão naqueles que nos observam e nos rodeiam, marchando, gradativamente, para a nossa emancipação integral, desde hoje.” (Emmanuel, *Livro da esperança*, 6. ed., p. 37-39).

“- Há dolorosas reencarnações que significam tremenda luta expiatória para as almas necrosadas no vício.

Temos por exemplo, o mongolismo, a hidrocefalia, a paralisia, a cegueira, a epilepsia secundária, o idiotismo, o aleijão de nascença e muitos outros recursos, angustiosos embora, mas necessários, e que podem funcionar, em benefício da mente desequilibrada, desde o berço, em plena fase infantil.”

(André Luiz, *Nos domínios da mediunidade*, 23. ed., p.139-140).

ESCALA ESPÍRITA

3ª Ordem: Espíritos Imperfeitos

Impuros
Levianos
Pseudo-sábios
Neutros
Batedores e Perturbadores

2ª Ordem: Bons Espíritos

Benévolos
Sábios
De Sabedoria
Superiores

1ª Ordem: Espíritos Puros

Puros

“São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia?

“São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.”(Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg.96).

“Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 100).

“Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral.

Deixando o corpo, a alma volve ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante.

Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos.

A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal.

As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição.” (Allan Kardec, *O Livro dos espíritos*, 62.ed., p.24-25).

Terceira ordem - Espíritos imperfeitos

CARACTERES GERAIS. - Predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são conseqüentes.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já denotam a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e rejubilam quando uma ocasião se lhes depara de praticá-lo.[...]

Podem compor cinco classes principais.

Décima classe. **ESPÍRITOS IMPUROS.** - São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam.[...]

Nona classe. **ESPÍRITOS LEVIANOS.** - São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de *Duendes, trasgos, gnomos, diabretes*. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores.[...]

Oitava classe. **ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS.** - Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, crêem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e idéias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais polpidos, através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam despir-se.

Sétima classe. **ESPÍRITOS NEUTROS.** - Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.

Sexta classe. **ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES.** - Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as classes da terceira

ordem. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc. Afiguram-se, mais do que outros, presos à matéria. Parecem ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros, quer nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses fenômenos não derivam de uma causa fortuita ou física, quando denotam caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir tais fenômenos, mas os de ordem elevada os deixam, de ordinário, como atribuições dos subalternos, mais aptos para as coisas materiais do que para as coisas da inteligência; quando julgam úteis as manifestações desse gênero, lançam mão destes últimos como seus auxiliares.

Segunda ordem - Bons Espíritos

CARACTERES GERAIS - Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupem, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos.[...]

Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os seus semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.[...]

Podem ser divididos em quatro grupos principais:

Quinta classe. ESPÍRITOS BENÉVOLOS. - A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Não progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS. - Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA. - As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.

Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES. - Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemente com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira ordem - Espíritos puros

CARACTERES GERAIS. - Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.

Primeira classe. Classe única. - Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos percíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a *ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservem distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 101-113).

EXPERIÊNCIAS REENCARNATÓRIAS

Caso 1: Preparativos para o retorno

Livro: Ação e reação

Autor: André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, 12. edição, Feb.

Local: Mansão – Colônia espiritual

Personagens: Sânzio, o Ministro, Silas, André Luiz, Hilário, Alzira, a mãe de Luis, Luis, Antonio Olímpio, os irmãos obsessores Clarindo e Leonel.

Este caso relata a história de Antônio Olímpio. Ele, casado com Alzira, tinha dois irmãos, Clarindo e Leonel. Para se livrar dos irmãos e ficar com as partes deles na fazenda, Antônio Olímpio planejou o afogamento dos dois irmãos numa lagoa da fazenda. Alzira, já no plano espiritual, solicitara socorro para o marido desencarnado e para o filho, ambos sob o domínio dos irmãos ensandecidos.

Situação das personagens

“Em seguida, a distinta senhora, buscando orientar as nossas futuras atividades, participou-nos que o afogamento dos cunhados se verificara em seus tempos de recém-casada, quando o filhinho mal ensaiava os primeiros passos, e que, após seis anos sobre a dolorosa ocorrência, encontrara, ela também, a desencarnação no lago terrível. Antônio Olímpio lhe sobrevivera, na esfera carnal, quase três lustros e, por vinte anos, precisamente, padecia nas trevas. Luís, dessa forma, alcançava a madureza plena, tendo atravessado os quarenta anos de experiência física.[...]

Luís, cujo espírito se afinava com os antigos sentimentos paternos, apegando-se aos lucros materiais exagerados - informou-nos a interlocutora -, sofria tremenda obsessão no próprio lar. Sob teimosa vigilância dos tios desencarnados, que lhe acalentavam a mesquinhez, detinha larga fortuna, sem aplicá-la em coisa alguma. Enamorara-se do ouro com extremada volúpia. Submetia a esposa e dois filhinhos, às mais duras necessidades, receoso de perder os haveres que tudo fazia por defender e multiplicar, Clarindo e Leonel, não satisfeitos com lhe sevciam a mente, conduziam para a fazenda usurários e tiranos rurais desencarnados, cujos pensamentos ainda se enrodilhavam na riqueza terrestre, para lhe agravarem a sovinice.” (p.100).

Momento de conscientização

Após longo tempo de aproximação e trabalho da equipe espiritual com Leonel e Clarindo, ao ponto de ser necessário a Silas relatar seus erros do passado, numa tentativa de se revelar nada superior aos dois irmãos revoltados, assim desabafou Leonel:

“- Mas, ó Deus, por que só conhecemos a alta virtude do perdão, quando já nos enodoamos no crime? Por que só tão tarde o desejo de restaurar o campo de nossas aspirações, quando a vingança já nos crestou a vida no incêndio do mal ?!...

Enquanto Clarindo lhe acompanhava a explosão de dor e remorso, com sinais de aprovação, e Silas o acolhia, generoso, de encontro ao peito, pressentimos que Leonel se reportava à morte de Alzira, debaixo da obsessão que, sem dúvida, ele e o irmão haviam comandado.

O orientador de nossa excursão, todavia, deu-se pressa em consolá-lo, exortando, bondoso:

- Chora, meu amigo! Chora, que as lágrimas purificam o coração!... Ainda assim, não permitas que o pranto te esmague a lavoura de esperança... Quem de nós, aqui, jaz sem culpa? Todos temos compromissos a resgatar e o Tesouro do Senhor jamais se empobrece de compaixão. O tempo é a nossa bênção... Com os dias coagulamos a treva ao redor de nós e, com os dias, convertê-la-emos em sublimada luz... Entretanto, para isso, é indispensável perseverarmos na coragem e na humildade, no amor e no sacrifício. Levantemo-nos na direção do futuro, dispostos à reconstrução dos nossos destinos.

Notamos que Leonel, naquela hora, propunha-se vazar o coração em nossos ouvidos. Queria desabafar, confessar-se...

Silas, no entanto, restituindo-o à meditação, convidou-nos ao regresso, prometendo voltar na noite seguinte.

Os dois companheiros, completamente modificados, reinstalaram-se no lar de Luís, e prosseguimos de retorno. [...].

E o chefe da nossa expedição dizia aguardar para a noite imediata o entendimento entre Alzira e aqueles

que lhes seriam filhos no porvir, depois do qual seriam ambos internados na Mansão, com o pleno assentimento deles mesmos, tendo em vista a preparação do futuro... Na casa dirigida por Druso, trabalhariam e reeducar-se-iam, encontrando novos interesses mentais e novos estímulos para a necessária recuperação...

Assim que o nosso amigo entrou em silêncio, Hilário indagou, preocupado:

- Quanto tempo gastarão Clarindo e Leonel, aplainando os caminhos para a volta ao corpo físico?
- Provavelmente um quarto de século...
- Por que tanto?

- Precisarão reconstituir as idéias, no campo do bem, plasmando-as de modo indelével na mente, a fim de que se consagrem à efetivação dos novos planos. Refugiar-se-ão no serviço ativo, ajudando aos outros e criando, assim, preciosas sementeiras de simpatia, que lhes facilitarão as lutas na Terra, amanhã... No trabalho e no estudo, tanto quanto nos empreendimentos da pura fraternidade, amearharão incorruptíveis valores morais, e a reeducação, dessa forma, aperfeiçoar-lhes-á as tendências, predispondo-os à vitória de que necessitam nas provações remissoras.

- E Antônio Olímpio? - insistiu Hilário - pelo que deduzo, permanecerá muito menos tempo na Mansão...

- Sim - aprovou o Assistente -, Antônio Olímpio, depois de breve reconciliação com os manos, renascerá, sem dúvida, dentro de dois a três anos.

- Por que tão grande diferença?

- Não podemos esquecer - explicou Silas, sereno - que foi ele quem começou a criminoso trama sob nosso estudo. Por isso, do grupo de reencarnantes, será o companheiro menos favorecido na Lei, durante a viagem prevista à esfera humana, pelas agravantes que lhes marcam o problema individual. Com o espírito ainda sombreado de angústia e arrependimento, ressurgirá no berço da família que ele prejudicou, pela prática da usura, movimentando-se num horizonte mental muito restrito, de vez que, instintivamente, a sua maior preocupação será devolver aos irmãos espoliados a existência física, o dinheiro e as terras que deles furtou... Em razão disso, apenas disporá de facilidades íntimas para a cultura e o aprimoramento de si mesmo, na idade madura do corpo, quando houver encaminhado os filhos para o triunfo que a eles compete alcançar.

- Entretanto - ponderou meu colega -, Clarindo e Leonel também mataram...

- E decerto pagarão por isso; contudo, não podemos negar-lhes atenuantes no lamentável delito.

Antônio Olímpio planejou o crime, friamente, para acomodar-se nas vantagens materiais que lhes adviriam da crueldade e da violência, e os irmãos infelizes agiram no pesadelo do ódio, traumatizados de pavorosa dor. Inegavelmente, Clarindo e Leonel padecem angústia e remorso, devendo sofrer doloroso resgate, em momento oportuno, mas, ainda assim, são credores do irmão que lhes retardou os passos evolutivos...

- E Alzira nessa história?

- Alzira já conseguiu entesourar bastante amor para entender, perdoar e auxiliar... Por esse motivo, dispõe, diante da Lei, do poder de ajudar, tanto ao esposo como aos cunhados, até agora infelizes, tanto ao filho Luís, ainda na carne, como a todos os descendentes de sua organização familiar, porque, quanto mais amor puro no Espírito, mais amplos recursos da alma perante Deus...[...]" (p. 142; 144).

O encontro com Clarindo e Leonel

"Não desejariam retomar, porventura, o caminho terrestre? por que não abraçarem trabalho novo, buscando o renascimento na mesma família de que provinham? Não seria mais agradável e mais fácil conquistar a reconciliação e, com isso, reentrar na posse das antigas aspirações, marchando com elas, no plano físico, ao encontro de preciosos degraus para a Vida Superior?"

Leonel e Clarindo, porém, quase que de modo simultâneo, lamentaram-se quanto ao problema de Alzira... Em verdade, no desespero da própria causa, haviam aceitado as sugestões da loucura, gastaram anos a fio estendendo a crueldade nas trevas; entretanto, nada lhes doía tanto como a violência praticada contra a esposa de Antônio Olímpio que, horrorizada ante a perseguição deles, se havia arrojado naquelas águas de terríveis reminiscências...

Mas... e se Alzira lhes trouxesse em pessoa o abraço de entendimento e de auxílio?

E como sorrissem de esperança, no turbilhão das próprias lágrimas, o Assistente afastou-se por alguns minutos e voltou, trazendo em sua companhia a generosa irmã que, envergando cintilante roupagem, lhes estendeu as mãos, a ofertar-lhes o colo maternal, resplendente de amor.

Leonel e Clarindo, qual se fossem feridos de morte, caíram genuflexos, esmagados de medo e júbilo...

Alzira, no entanto, afagou-lhes as cabeças submissas e falou em tom comovente:

- Filhos de minh'alma, rendamos graças a Deus por esta hora de bênção.

E porque Leonel tentasse debalde pedir-lhe perdão, ensaiando monossílabos cortados pelos soluços, a genitora de Luís suplicou, humilde:

- Sou eu quem deve ajoelhar-se, implorando-lhes caridoso indulto!... O crime de meu esposo é

também meu crime... Vocês foram espoliados dos mais belos sonhos, quando a mocidade terrestre começava a sorrir-lhes. Nossa desregrada ambição, contudo, furtou-lhes os recursos e as possibilidades, inclusive a existência... Perdoem-nos... Pagaremos nossas dívidas. Ajudar-nos-á o Senhor na recuperação de nossa casa... Em breve, Antônio Olímpio e eu estaremos novamente no plano físico e, com o apoio da Misericórdia Divina, restituiremos a vocês o sítio que não nos pertence... Permitam, meus filhos, possa honrar-se minha alma com o privilégio de ser-lhes amorosa mãe no mundo... Para restaurar-lhes a esperança e refazer-lhes o ideal, ofereço-lhes o meu coração... Conceder-me-á o Senhor a bênção de agasalhá-los em meu seio, criando-os com o hálito de meus beijos e com o orvalho de minhas lágrimas ... Para isso, porém, é necessário que o olvido de nossos pesares nasça, puro, do amor que devemos uns aos outros... Esqueçamos ressentimentos e Deus nos suprirá de recursos para que venhamos a solver nossos débitos... Ergam-se, filhos queridos... Sabe Jesus que desejo conchegá-los de encontro ao meu peito e guardá-los nos meus braços!...” (p. 147-149).

Caso 2 – Dívida expirante

Livro: Ação e reação

Autor: André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, 14. ed., Feb.

Local: Hospital de indigentes na Terra

Personagens: Silas, André Luiz, Hilário, Leo - o doente, Atendente Lago

“Era agora num hospital, em triste pavilhão de indigentes, a nova lição que Silas nos reservava.

Ganhando o interior, diversos companheiros acolheram-nos, gentis. E, após saudações amigas, um deles, o Atendente Lago, avançou para o mentor de nossos estudos, cientificando:

- Assistente, o nosso Leo parece gastar os derradeiros recursos da resistência...

Silas agradeceu a informação e explicou que vínhamos justamente para colaborar no descanso de que se fazia credor.” (p. 229).

O estado físico de Leo

“A mortiça claridade de pequena lâmpada, destinada à vigília da noite, vimos Leo, que uma tuberculose pulmonar arrastava ao cepo da morte.

Não obstante a dispnéia, mostrava o olhar calmo e lúcido, revelando perfeita conformação aos padecimentos que o conduziam ao termo da experiência.

Recomendou-nos Silas observar-lhe o corpo, entretanto, não havia muita particularidade a destacar, porquanto os pulmões quase destruídos, através de sucessivas formações cavitárias, haviam provocado tamanho abatimento orgânico, que o vaso físico sob nossos olhos não era mais que um trapo de carne, agora aberto à multiplicação de bacilos vorazes, aliados a exércitos microbianos de variada espécie, a se apinharem, dominadores, na intimidade dos tecidos, assim como inimigos implacáveis a se lhe apoderarem dos restos, senhoreando todos os postos-chaves da defensiva. [...]

Todos os sintomas da morte patenteavam-se, iniludíveis.” (p. 229-230).

“Dominado de intensa simpatia, inclinei-me sobre o irmão em rude prova, atraído pela fé que lhe abrilhantava as pupilas e, abraçando-o, indaguei, em voz alta:

- Leo amigo, reconhece-se você no limiar da vida verdadeira? Sabe que deixará o corpo em breves horas? [...]

- Oh! sim, a morte!... Sei que, provavelmente esta noite, chegarei ao justo fim...

Desdobrando o nosso diálogo, acrescentei:

- Não tem receio?

- Nada posso temer... - refletiu muito calmo.

E, movendo os olhos com esforço, buscou fitar na alva parede da enfermaria uma pequena escultura do Cristo crucificado, refletindo de si para consigo:

- Nada posso recear, em companhia do Cristo, meu Salvador... Ele também foi vilipendiado e esquecido... Terá vomitado sangue na cruz do martírio, Ele que era puro, varado pelas chagas da ingratidão... Por que não me resignar à cruz do meu leito, suportando, sem reclamar, as golfadas de sangue que de quando em quando me anunciam a morte, eu que sou pecador necessitado da complacência divina?!...

Silas pergunta a Leo sobre seus familiares

- Nesta hora de tanta significação para o seu caminho, sinto a ausência de seus familiares humanos...

- Ah! meus familiares... meus afetos... - respondeu, falando mentalmente – meus pais teriam sido no mundo os meus únicos amigos... No entanto, demandaram o túmulo, quando eu era simplesmente um

jovem enfermo... Separado de minha mãe, vi-me entregue aos desajustes orgânicos... Logo após, meu irmão Henrique não hesitou em declarar-me incapaz... Por direito à herança, cabiam-lhe grandes bens, contudo, prevalecendo-se do meu infortúnio o mano obteve da Justiça, com meu próprio assentimento, a documentação com que se fazia meu tutor... Bastou, porém, a consecução dessa medida, para que se transformasse para mim num verdugo cruel... Apossou-se-me de todos os recursos... Internou-me num hospício, em que amarguei longos anos de isolamento... Sofri muito... Alimentei-me com o pão recheado de fel, destinado pelo mundo aos que lhe penetram as portas como réprobos do berço, porque o desequilíbrio mental me perseguia desde a idade mais tenra... Quando algo melhorado, fui constrangido a deixar o manicômio. Recorri-lhe à porta, mas expulsou-me sem compaixão... Fiquei apavorado, vencido... Ó meu Deus, como escarnecer assim de um irmão doente e infeliz? Debalde impetrei socorro à Justiça. Legalmente, Henrique era o único senhor dos haveres de nossa casa... Envergonhado, busquei outros climas... Tentei o trabalho digno, mas apenas obtive, em meu favor, a profissão de vigia noturno, passando a rondar vasto edifício comercial, amparado por um homem caridoso, condoído de minha fome... O frio da noite, porém, encontrava-me ao desabrigo e, a breve tempo, adquiri uma febre insidiosa que passou a devorar-me devagarinho... Não sei quanto tempo estive, assim, chumbado a indefinível desânimo... Certa feita, caí fatigado sobre a poça de sangue que se me derramava da boca e criaturas piedosas me angariaram o leite em que me refugio...

- E que opinião mantém você, acerca de Henrique?

Lembra-se dele com mágoa?

Qual se mergulhasse a memória em ondas de enternecimento e saudade, Leo deixou que as lágrimas se lhe entornassem dos olhos, em dolorosa quietude mental.

Em seguida, monologou por dentro:

- Pobre Henrique!... Não deverei, antes, lastimá-lo? Acaso, não deverá ele igualmente morrer? De que lhe terá valido a apropriação indébita se será também um dia alijado do corpo? Por que me reportaria a perdão, se ele é mais infeliz que eu mesmo?

O comportamento de Leo perante Deus

E, tornando a pousar os olhos na figura do Cristo, continuou:

- Jesus, escarnecido e espancado, esqueceu ofensas e deserções... Içado à cruz, não clamou contra os amigos que o haviam lançado à humilhação e ao sofrimento... Não teve uma palavra de censura para os truculentos algozes... Ao invés de incriminá-los, pedira ao Pai Celeste amorosa proteção para todos... E Jesus foi o Embaixador de Deus entre os homens... Com que direito julgarei, assim, meu próprio irmão, se eu, alma necessitada de luz, não posso penetrar os Divinos Juízos da Providência?

Aquietara-se Leo em pranto, buscando internar a mente no templo de amor da prece.

A humildade a que se recolhia tocava-me o coração.

Ergui-me de olhos úmidos.

Para sondar-lhe a grandeza da alma, não seria preciso alongar o interrogatório." (p.231-233).

O sofrimento de Leo

Diante do sofrimento de Leo, o que de início, parece aos nossos olhos, que fora injustiçado pelo irmão Henrique, Silas relata quem fora Leo, Ernesto, em outra encarnação e, nos mostra como está agindo nesta reencarnação a Justiça Divina. É a lei de ação e reação.

"Referir-me-ei, por isso, tão-somente à culpa que o atormentava, quando ingressou em nossa casa, segundo os apontamentos que lá poderemos compulsar.

O agonizante agora, de nervos asserenados pelo socorro magnético, parecia quase ouvir-nos.

Sustentando-lhe a frente suarenta, Silas, atencioso, prosseguiu, depois de leve pausa:

- Leo enfileirou mentalmente para nós as amargas recordações dos dias recentes que tem vivido, detendo-se particularmente na enfermidade que o martiriza desde o berço, nos tormentos do hospício e na dureza de um irmão que o sentenciou à extrema penúria... Vejamos, porém, a razão das dores com que pune a si mesmo e porque mereceu a felicidade de ressarcir para sempre o débito particular, agora na pauta de nosso estudo... Em princípios do século passado, era ele filho dileto de abastados fidalgos citadinos que, desencarnados muito cedo, lhe confiaram o próprio irmão doente, o jovem Fernando, cuja existência fora marcada por incurável idiotia. Ernesto, no entanto - pois era esse o nome de nosso Leo, na existência última -, tão logo se viu sem a presença dos genitores, deu-se pressa em alijar o irmão do seu convívio, cioso do governo total sobre a avantajada fortuna de que ambos se faziam herdeiros. Além disso, moço habituado aos saraus do seu tempo, estimava as recepções esmeradas, nas quais o palacete da família descerrava as portas brasonadas às relações elegantes, e, orgulhoso da paisagem doméstica, envergonhava-se de ombrear com o irmão, por ele proibido de comparecer aos seus ágapes sociais. Todavia, porque Fernando, mentecapto, não lhe atendesse às ordens, em razão da incapacidade de apreendê-las, providenciou gradeada prisão,

ao fundo da residência, onde o rapaz enfermo foi excluído da comunidade familiar. Encarcerado e sozinho, desfrutando apenas a intimidade de alguns escravos, Fernando passou a viver engaiolado, qual se fora infeliz animal. Enquanto isso, Ernesto, casado, dava largas aos caprichos da mulher, em extensas viagens de recreio, nas quais desperdiçava seus bens, em jogatinas e extravagâncias. Depois de algum tempo, esgotado nas finanças de que podia dispor, apenas conseguiria reequilibrar-se por morte do mano irresponsável; no entanto, o jovem mentalmente enfermo dava mostras de grande fortaleza física, não obstante certa bronquite crônica que muito o incomodava.” (p. 235-236).

A ajuda do Alto na aceleração do desencarne de Leo

“Observando-lhe o desequilíbrio respiratório, Ernesto planejou levá-lo a moléstia mais grave, na esperança de remetê-lo com rapidez ao sepulcro, recomendando aos servos que o libertassem, todas as noites, num grande pátio, em que Fernando repousasse ao relento. O moço, porém, denotava enorme resistência e, embora sofresse consecutivas crises de sua moléstia, assim exposto à intempérie, durante quase dois anos superou valorosamente a provação a que fora submetido. Entrementes, padecia Ernesto o cerco de angústia econômica sempre mais grave, que somente o quinhão amoedado de Fernando, entregue ao comando de velhos amigos, conforme a vontade paterna, poderia solucionar. Em razão disso, envilecido pela fome de ouro, certa noite liberou dois escravos delinqüentes, algemados em seu domicílio, sob a condição de se exilarem para terras distantes e, após vê-lo partir, sob o nevoeiro da madrugada, buscou o leito do irmão, enterrando-lhe um punhal no peito inerte... Na manhã seguinte, ante o choro dos servos, a lhe mostrarem o cadáver, fê-los admitir que os cativos fujões teriam sido os autores do crime e, inocentando-se com astúcia, entrou na posse dos bens que pertenciam ao morto, com plena aprovação dos magistrados terrestres. Foi assim que, apesar de regalada existência na carne, ao aportar no além-túmulo atravessou extensa faixa de expiações. Fernando, o irmão desditoso, com absoluta magnanimidade esqueceu-lhe as ofensas; no entanto, vergastado pelos remorsos, Ernesto entrou em comunhão com impassíveis agentes da sombra, que o fizeram presa de inomináveis torturas, por se recusar a segui-los nas práticas infernais. Conservando no imo dalma a lembrança da vítima, através da percussão mental do arrependimento sobre os centros perispiríticos, enlouqueceu de dor, vagueando por vários lustros, em tenebrosas paisagens, até que, recolhido à nossa instituição, foi convenientemente tratado para o reajuste preciso. Não obstante recuperado, porém, as reminiscências do crime absorviam-lhe o espírito de tal sorte que, para o retorno à marcha evolutiva normal, implorou o regresso à carne, a fim de experimentar a mesma vergonha, a mesma penúria e as mesmas provas por ele infligidas ao irmão indefeso, pacificando, desse modo, a consciência intranquilha. Amparado em seus propósitos de resgate por eminentes instrutores, tornou ao campo físico, carregando na própria alma os desequilíbrios que assimilou além do sepulcro, com os quais renasceu alienado mental, como o próprio Fernando no passado recente, tendo amargado, na posição de Leo, todos os infortúnios por ele impostos ao irmão debilitado e infeliz. Ressurgiu, dessa forma, na esfera carnal, desditoso e doente. Cedo conheceu a orfandade, foi colhido de surpresa pela segura e vilania de um irmão insensato que o filhou no ambiente sombrio de um manicômio e, para não faltar particularidade alguma ao quadro expiatório, padeceu como guarda noturno o frio e os temporais a que expusera a vítima indefesa... Entretanto, pela humildade e paciência com que tem sabido aceitar os golpes reparadores, conquistou a felicidade de encerrar em definitivo o débito a que nos reportamos.” (p.236-237).

Grande lição concernente à liquidez de dívidas espirituais

“Hilário indagou:

- Assistente, como entender que o nosso companheiro está liquidando a dívida a que se refere?

- Pois não vêem? - observou Silas, admirado.

E, indicando a grande hemoptise que começava, ajuntou:

- Qual Fernando, que desencarnou com o tórax perfurado por lâmina assassina, Leo igualmente se despede do corpo com os pulmões em frangalhos. Contudo, pelo procedimento correto que adotou perante a Lei, atravessa o mesmo suplício, mas no leito, sem escândalos destrutivos, embora esteja vertendo o próprio sangue pela boca, tal qual sucedeu ao mano espezinhado e vencido. Cumpre-se o aresto da justiça, apenas com a diferença de que, em vez do gládio de ferro, temos aqui batalhões de bacilos assassinos...[...]

- Quando a nossa dor não gera novas dores e nossa aflição não cria aflições naqueles que nos rodeiam, nossa dívida está em processo de encerramento. Muitas vezes, o leito de angústia entre os homens é o altar bendito em que conseguimos extinguir compromissos ominosos, pagando nossas contas, sem que o nosso resgate a ninguém mais prejudique. Quando o enfermo sabe acatar os Celestes Desígnios, entre a conformação e a humildade, traz consigo o sinal da dívida expirante.” (André Luiz, *Ação e reação*, 14. ed., p. 237-238).

REENCARNAÇÃO: BÊNÇÃO DIVINA

“Cada encarnação é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo, o ser humano deve amar a sua existência de lutas e de amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus.

A golpes de vontade persistente e firme, o Espírito alcança elevados pontos na sua escalada, nos quais não mais estacionará no caminho escabroso, mas sentirá cada vez mais a necessidade de evolução e de experiência, que o ajudarão a realizar em si as perfeições divinas.”(Emmanuel, *Emmanuel*, 21. ed., p. 42).

DEUS: PAI AMOROSO E JUSTO

“A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega. O culpado que ela atinge não fica exonerado e, enquanto não houver satisfeito a justiça, sofre a consequência dos seus erros. Por ser de infinita misericórdia, não devemos pensar que Deus seja inexorável: deixa sempre abertas as portas da redenção.” (Allan Kardec, *O céu e o inferno*, 53. ed., p. 98).

“A mais elevada concepção de Deus que podemos abrigar no santuário do espírito é aquela que Jesus nos apresentou, em no-Lo revelando Pai amoroso e justo, à espera dos nossos testemunhos de compreensão e de amor.

Na própria Crosta da Terra, qualquer chefe de família, consciencioso e reto, não deseja os filhos em constante movimentação de ofertas inúteis, no propósito de arrefecer-lhe a vigilância afetuosa. Se tais iniciativas não agradam aos progenitores humanos, caprichosos e falíveis, como atribuir semelhante falha ao Todo-Misericordioso, no pressuposto de conquistar a benemerência celeste?” (Emmanuel, *Pão nosso*, 5. ed., p.108).

“[...] a justiça divina patenteia-se na igualdade absoluta que preside à criação dos Espíritos; todos têm o mesmo ponto de partida e nenhum se distingue em sua formação por melhor aquinhado; nenhum cuja marcha progressiva se facilite por exceção: os que chegam ao fim, têm passado, como quaisquer outros, pelas fases de inferioridade e respectivas provas.” (Allan Kardec, *O céu e o inferno*, 53. ed., p. 100).

JESUS

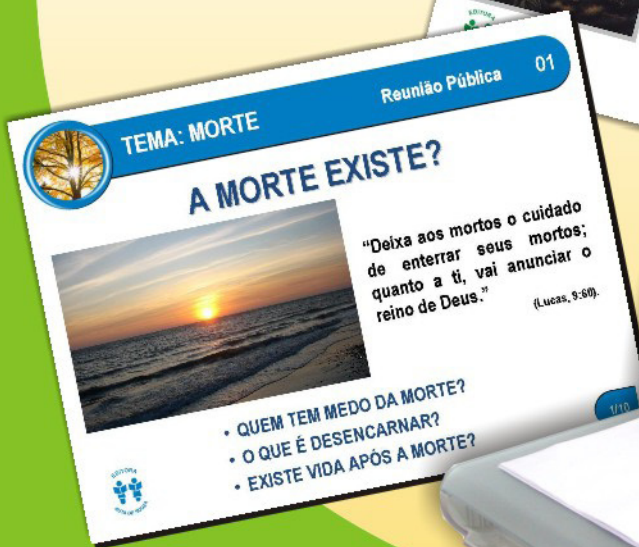
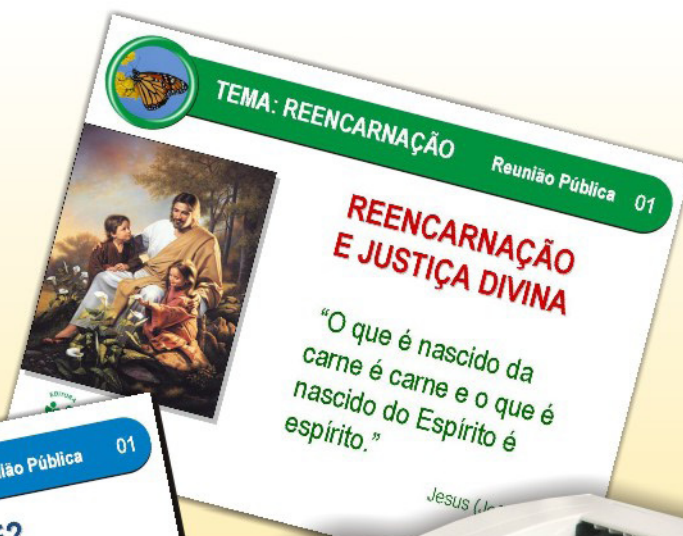
“Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto” Jesus (João, 15:8).

PLANO DE PALESTRA		
TEMA: REENCARNAÇÃO		
I – INFORMAÇÕES GERAIS		
PALESTRA 1: REENCARNAÇÃO E JUSTIÇA DIVINA		DATA ____/____/____ HORÁRIO:
EXPOSITOR:		INSTITUIÇÃO:
<p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Compreender a reencarnação como medida de reajuste para o Espírito; Compreender o que é reencarnação e como age a justiça de Deus que permite ao Espírito falido a oportunidade de voltar de novo; Compreender que há vida após a morte.</p>		
<p>OBJETIVOS COMPLEMENTARES: (a critério do expositor)</p>		
II – SUMÁRIO		
PARTES DA PALESTRA	CONTEÚDOS	ATIVIDADES/ PROCEDIMENTOS.
INTRODUÇÃO TEMPO: 5´	Refletir com base nas perguntas: Você conhece alguma criança que nasceu em “berço de ouro”? E alguém que tenha nascido na mais profunda pobreza? Por que uns nascem sadios e outros com muitos problemas de saúde física, mental. Haverá justiça em assim sendo?	Os avisos gerais serão dados antes da prece, que será feita às 20h. Após a prece, o expositor introduz o tema com perguntas reflexivas dirigidas ao público.
DESENVOLVIMENTO TEMPO: 30´	Mateus, 17:10-13 O que é a reencarnação? A Doutrina da reencarnação Jesus e Nicodemos A lei de ação e reação Escala espírita Experiências reencarnatórias: Caso 1 (Preparativos para o retorno) ou Caso 2 (Dívida expirante) Reencarnação: Bênção Divina Deus: Pai amoroso e justo	Exposição oral, sendo que o caso (ou história interessante) poderá ser narrado no início, no meio ou no final da preleção.
CONCLUSÃO TEMPO: 5´	Encerra a palestra com reflexão: João, 3:6	Após a conclusão da palestra o expositor faz a prece de preparação para o passe; Acompanha o encaminhamento do público para o passe; Zela pela harmonia da sala; Faz a prece final e convida o público para conhecer a livraria e a biblioteca do Centro Espírita.
<p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:</p> <p>Obs. A critério do expositor espírita no enriquecimento de sua palestra, poderá ir a outras fontes bibliográficas, além das oferecidas no texto doutrinário.</p>		<p>RECURSOS/ PROVIDÊNCIAS:</p> <p>Transparências e ou cartazes, Retroprojeter, ou Projetor multimídia.</p>



REENCARNAÇÃO E JUSTIÇA DIVINA

TRANSPARÊNCIAS





REENCARNAÇÃO E JUSTIÇA DIVINA

“Eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve.”

(Mateus, 17:12)



O QUE É A REENCARNAÇÃO ? 01

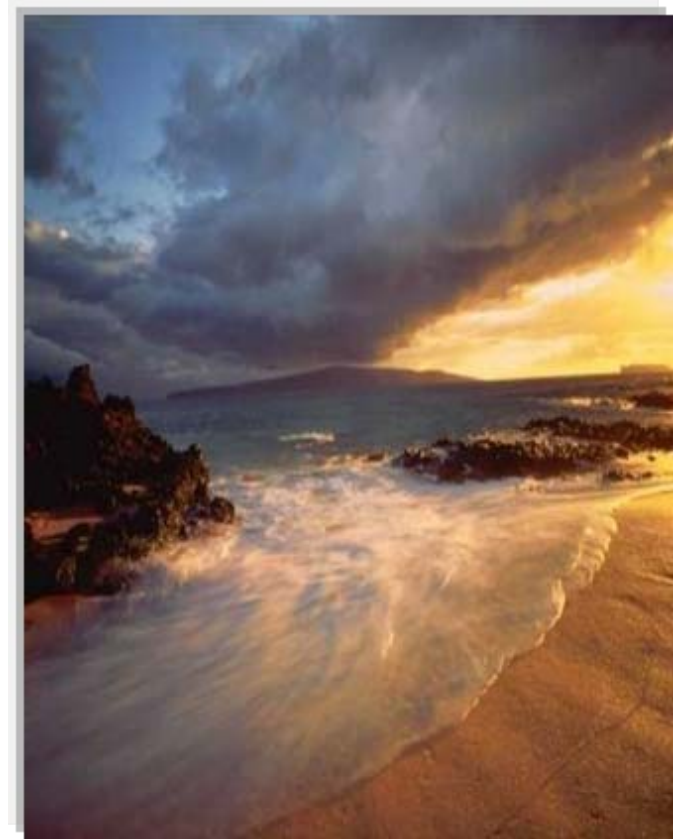
“A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.”

(Allan Kardec, O ESE, cap. IV, item 4).

Qual o fim objetivado com a reencarnação?

Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”

(Allan Kardec, O livro dos espíritos, perg. 167).





A DOCTRINA DA REENCARNAÇÃO

01

“Em que se funda o dogma da reencarnação?”

Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

(Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, 62. ed., perg. 171).





JESUS E NICODEMOS

01

- Jesus lhe respondeu:
“Em verdade, em verdade digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.”
- Disse-lhe Nicodemos:
“Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”

(João, 3: 1-12)





LEI DE AÇÃO E REAÇÃO

01



“- Há dolorosas reencarnações que significam tremenda luta expiatória para as almas necrosadas no vício. Temos por exemplo, o mongolismo, a hidrocefalia, a paralisia, a cegueira, a epilepsia secundária, o idiotismo, o aleijão de nascença e muitos outros recursos, angustiosos embora, mas necessários, e que podem funcionar, em benefício da mente desequilibrada, desde o berço, em plena fase infantil.”

(André Luiz, Nos domínios da mediunidade, 23. ed., p.139-140).



ESCALA ESPÍRITA

01

3ª Ordem: Espíritos Imperfeitos
Impuros
Levianos
Pseudo-sábios
Neutros
Batedores e Perturbadores

2ª Ordem: Bons Espíritos
Benévolos
Sábios
De Sabedoria
Superiores

1ª Ordem: Espíritos Puros
Puros





REENCARNAÇÃO: BÊNÇÃO DIVINA

01

“Cada encarnação é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo, o ser humano deve amar a sua existência de lutas e de amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus.”

(Emmanuel, *Emmanuel*, 21. ed., p. 42)

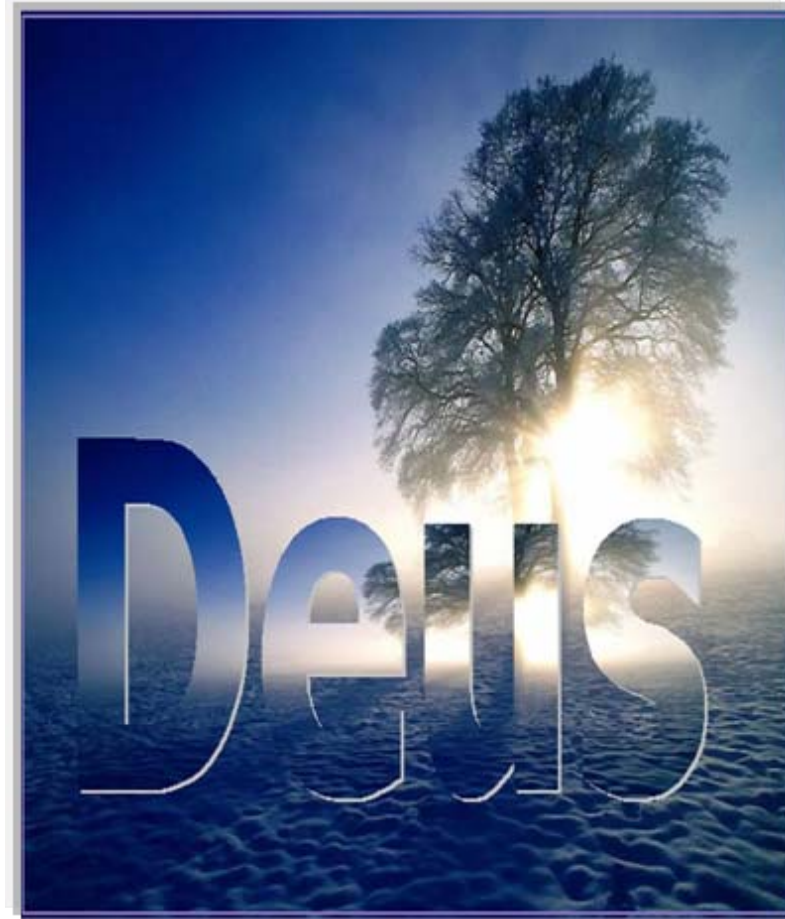




DEUS: PAI AMOROSO E JUSTO 01

“A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega. O culpado que ela atinge não fica exonerado e, enquanto não houver satisfeito a justiça, sofre a consequência dos seus erros. Por ser de infinita misericórdia, não devemos pensar que Deus seja inexorável: deixa sempre abertas as portas da redenção.”

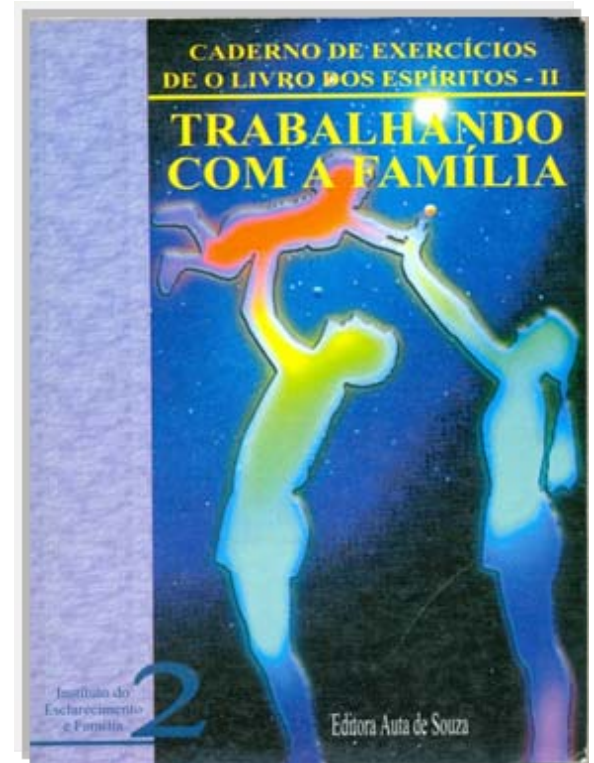
(Allan Kardec, *O céu e o inferno*, 53. ed., p. 98).





LEIA MAIS SOBRE O ASSUNTO...

01





JESUS

01

**“ Nisto é glorificado
meu Pai, que deis
muito fruto; e assim
sereis meus
discípulos.”**

João, 15:8





EDITORA AUTA DE SOUZA

Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza (61) 3352-3018
QSD Área Especial 17, Taguatinga Sul - Distrito Federal - CEP. 72020-000

www.ocentroespirita.org.br

www.editoraautadesouza.com.br

editora@editoraautadesouza.com.br



Semeando Luz



Todo material pedagógico e de divulgação
das palestras da Reunião Pública
Disponível para **DOWNLOAD**

Ascesando o site **ocentroespirita.org.br**

ADQUIRA TAMBÉM OS BANNERS DE DIVULGAÇÃO
DAS PALESTRAS DA REUNIÃO PÚBLICA

Centro Espírita: Funcionamento - Quarta-feira - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://www.ocentroespirita.org.br/centroespirita/quarta.php>

centroespirita
escola da alma - uma proposta para formação de trabalhadores

ocentroespirita editoraautadesouza clubedolivro concafras

Acesso rápido: Download de aulas Funcionamento do Centro Espírita Estudo sistematizado Vídeos Voltar ao início

FUNCIONAMENTO

- Segunda-feira
- Terça-feira
- Quarta-feira
- Sábado
- Domingo

ATIVIDADES

- Evangelização da Criança
- Evangelização do Jovem
- Estudo da Doutrina Espírita
- Divulgação da Doutrina Espírita
- Trabalhos Assistencias
- Mediunidade

VEJA MAIS...

- Download de Aulas
- Download de Músicas
- Assista a todos os Vídeos

QUARTA-FEIRA: TRATAMENTO ESPIRITUAL

A quarta-feira destina-se ao tratamento espiritual, ao desenvolvimento mediúnico e à Escola de Médiuns. No compasso da disciplina e da harmonia, encadeiam-se atividades de socorro e esclarecimento a encarnados e desencarnados.

Ao par das atividades dedicadas aos pacientes, desenvolve-se, de forma metódica e direcionada, a educação mediúnica, onde os exercícios e experiências visam a formação de médiumes especializados para as salas de tratamento espiritual.

Os cursos da Escola de Médiuns são desenvolvidos neste dia. Sob as luzes dos ensinamentos de Allan Kardec, André Luiz, Manoel P. de Miranda e tantos outros, prepara-se o médium esclarecido e renovado para o mandato mediúnico.

VEJA O CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES:

Horário	Atividade
20:00 às 20:30	Escola de evangelização de pacientes; Vibração; Desenvolvimento mediúnico (Fase I e II)
20:30 às 20:40	Deslocamento dos pacientes para a sala de harmonização; Continuação do desenvolvimento mediúnico (Fase I)
20:40 às 21:10	Passo II e Passo III; Desobsessão; Continuação do desenvolvimento mediúnico (Fase I)
21:10 às 21:20	Deslocamento e avisos gerais para os médiumes
21:20 às 22:00	Escola de médiumes

**VEJA O FUNCIONAMENTO DA
CASA ESPÍRITA E SUAS ATIVIDADES...**